

# Refletindo com a mônada Esconderijos

Silvia de Amorim\*

## Resumo

O presente texto propõe apresentar o conceito de mônadas, elaborado por Walter Benjamin, como aparece na obra *Infância Berlinense: 1900*. Dentre elas está a mônada *Esconderijos*, que descreve os espaços da casa e as sensações de interação com os cômodos, móveis e outros objetos potencializadores da transformação em escondenrijos. Para as reflexões sobre a mônada escolhida, o artigo se baseia nos seguintes teóricos: Rosa et al. (2011), Rinaldi (2014), Lopes (2018), Lopes e Vasconcellos (2005), Hoyuelos (2020), Freire (1996) e Benjamin (1987, 2020). Todos os autores trouxeram indicativos para esta conversa, incluindo a geografia da infância, focando na interação da criança (Benjamin) com o espaço domiciliar. A escrita da mônada *Esconderijo* lembra as narrativas construídas pelos professores. Estas narrativas, na educação infantil, são encontradas na documentação pedagógica que, atualmente, com o ensino remoto, a construção conta com o auxílio da família. Com a pandemia e as orientações de isolamento a casa passou a ser protagonista das relações, proporcionando a construção de outras narrativas pelos cômodos da casa.

Palavras-chave: Mônada Esconderijo. Educação Infantil. Espaços. Geografia da Infância.

## Introdução

O ato de contar história faz parte do contexto social; e quantos netos se lembram dos momentos com seus pais e avós? O relato das vivências do passado é feito trazendo informações para relacionar o tempo presente com o que já passou. Um exemplo disso é quando as famílias vão às unidades educativas, no início do ano letivo, conversar com os profissionais. Nessa conversa são abordadas as vivências que a criança teve no contexto familiar e outras acabam até envolvendo as lembranças que o responsável tem sobre a sua infância. Assim, cada contexto citado se refere a vivências de uma criança única, que pode ser compreendida separadamente. No entanto, ao juntá-las, se pode ter uma história de vida desta criança, com mais informações para se constituir a narrativa na íntegra.

Com a modernidade, a maioria das crianças passam a infância na instituição de educação e suas memórias serão muitas deste local. Portanto, as narrativas de vidas

---

\* Formada em Pedagogia pela Furb e mestranda da FAED/UEDESC no curso de Mestrado em Educação. Atuei como professora efetiva de educação infantil na rede municipal de educação da cidade de Gaspar e já atuei como supervisora do Pibid/Furb, subprojeto Pedagogia. Atualmente sou professora efetiva de educação infantil no NEIM Doralice Teodora Bastos, pertencente à rede municipal de educação na cidade de Florianópolis.

E-mail: silviade.amorim@gmail.com

apresentam elementos integrantes dos cômodos da casa e das unidades educativas, em que as memórias podem ser inúmeras e envolvem diferentes tipos de sentimentos, como a afetividade. Para que aconteça o resgate dessas lembranças, às vezes, basta somente sentir um cheiro, parecido ou igual, ao vivenciado. Isso faz a pessoa recordar todos os detalhes, inclusive sentimentos e expressões corporais, que envolvem a situação vivida.

Hoje, o olhar do mundo se volta para a casa, quando a pandemia do Covid-19 se transforma em uma condição mundial. Diante dessa condição, a necessidade da mudança da rotina familiar aconteceu por meio da intervenção do mundo escolar, pois muitos espaços educativos, com a paralisação dos atendimentos presenciais, passaram a utilizar o mundo digital com a justificativa de manter as atividades pedagógicas para que as crianças não perdessem o ano letivo. Portanto, a invasão do espaço doméstico ocorreu e o transformou em um local escolar e, ao mesmo tempo, de trabalho de muitas famílias, possibilitando a construção de outras narrativas sobre experiências nesse espaço casa/escola.

## **Surgimento das mônadas**

O conceito mônada foi mobilizado por Walter Benjamin, sendo que falar sobre essa concepção é permitir compreender as narrativas como formas independentes. Elas caminham pelos sentidos dados pelo outro a ela, com base em seu conhecimento e o contexto ao qual está inserido. A partir disso, aprofundar esse conceito seria entender para além da fragmentação de narrativas. Com a interpretação da mônada sendo parte integral de uma história com começo, meio e fim, mas que pode acontecer simultaneamente em diferentes contextos, permitindo àquele que ocupa a função de leitor ou ouvinte a elaboração da sua interpretação do que está sendo narrado, conforme apresenta Rosa et al. (2011).

Existe a interação entre o tempo e a produção de mônadas. No entanto, é o tempo que permitirá classificar o período do ocorrido e possibilita fazer os pequenos cortes. Ou seja, quando uma criança está na unidade educativa e participa de algo significativo para o seu desenvolvimento, a professora pega seu instrumento de registro para arquivar essa narrativa. Entretanto, essa não será a única história da criança porque vivenciará simultaneamente narrativas do contexto coletivo da unidade familiar. Ao juntar todos esses acontecimentos, nos mais diferentes contextos, formarão o todo que será a história da infância dessa criança. Portanto, as mônadas são construções a partir de relações constituídas entre o que está sendo narrado e o que foi vivenciado, transformando-se em relatos das experiências. Dessa maneira, a narrativa está

diretamente ligada à capacidade de memorização da experiência, criando um vínculo entre os tempos (passado, presente e futuro).

Para desenvolver o ato de narrar é necessário a utilização do mecanismo da memorização, que é a faculdade de registrar a experiência. No entanto, a memória vai além da ação de lembrar, é um ato que proporciona a ampliação da imagem, trazendo aspectos diferentes para contemplar a sua descrição. A rememoração é a interligação das imagens que surgem de forma (in)voluntária e que permite ao ser humano a sua construção como sujeito, criando vínculos entre o passado e o presente. Portanto, “[...] produzir narrativas, nesse sentido, não é só relatar, mas trazer as experiências no plural e trazer à tona as antigas narrativas sob o ponto de vista cultural” (ROSA et al., 2011, p. 203).

As narrativas, ao serem (re)contadas, permanecem vivas e, durante esse processo, podem ser recordados acontecimentos e elementos não contemplados até o momento. Isso porque:

A narrativa que durante tanto tempo floresceu, num meio de artesãos – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Ao realizar a narração traz-se com ela a identidade do narrador, sendo que é impossível dissociar a narrativa do narrador. Nesse momento podemos perceber a importância do narrador no ato de contar a história. Antigamente, como nos fala Benjamin (1987), as narrativas eram algo muito presente no cotidiano das pessoas, que surgem a partir das experiências. Diz ele: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 1987, p. 198).

É com base nisso que Benjamin realiza a narração das suas memórias da infância que compõem o livro intitulado *Infância Berlinense: 1900*. Nas narrativas apresentadas nesse livro, Benjamin promove uma contextualização ao relembrar dos acontecimentos de cunho político, geográfico e social da época. Com isso, traz elementos que, às vezes, não são contemplados em outros atos narrativos da mesma vivência, passando a dar sentido e significado ao que está narrando.

Dentre as mônadas que compõem a história da infância de Walter Benjamin, existe uma que reconta a sua vivência dentro de casa, como ele sentia e se relacionava com

alguns cômodos e objetos. Para situar os leitores, nas próximas reflexões apresento a mônada *Esconderijos*:

Eu conhecia todos os esconderijos da casa, e voltava a eles como a uma morada onde sabemos que iremos encontrar tudo no seu lugar. O coração palpitava-me, prendia a respiração. Aqui, estava encerrado no mundo da matéria. Este tornava-se-me extremamente nítido aproximava-se de mim sem palavra. Como um enforcado, que só então toma plena consciência do que são a corda e a madeira. A criança escondida atrás das cortinas torna-se ela própria algo de esvoaçante e branco, um fantasma. A mesa da sala de jantar, debaixo da qual se acocorou, transforma-a em ídolo num templo em que as pernas torneadas são as quatro colunas. E atrás de uma porta ela própria é porta, recoberta por ela, máscara pesada, mago que enfeitiçará todos os que entrarem desprevenidos. Por nada deste mundo pode ser descoberta. Quando faz caretas, dizem-lhe que se o relógio bater ela ficará assim para sempre. No meu esconderijo, eu descobri o que há de verdade nisso. Quem me descobrisse poderia fazer-me ficar petrificado, um ídolo debaixo da mesa, enredar-me para sempre, como fantasma, nas cortinas, mandar-me para o resto da vida para dentro da pesada porta. Por isso, eu expulsava com um grande grito o espírito democrático que assim me transformava quando quem procurava me apanhava – nem sequer esperava por esse momento, antecipava-me com um grito de libertação. Por isso não me cansava desta luta com o demônio. Nela, a casa era o arsenal de máscaras. Mas uma vez no ano, em lugares secretos, nas suas órbitas vazias, na sua boca aberta, havia presentes. A experiência mágica tornava-se uma ciência. E eu, seu engenheiro, desenfeitiçava a sombria casa dos pais e procurava os ovos de Páscoa (BENJAMIN, 2020, p. 102-103).

## **Mônada esconderijos e a geografia da infância**

A Geografia da Infância tem como objetivo principal compreender como a criança se relaciona com o espaço (LOPES, 2018). Na mônada *Esconderijos*, escrita por Benjamin, é possível verificar termos e ações que remetem à Geografia da Infância. Portanto, ao referir a casa como um espaço comum a maioria das pessoas, ele demonstra a construção da sua relação com o local e os seus objetos. Ao trazer esses elementos que compõem o cotidiano da casa, Benjamin amplia o sentido dessa mônada e atinge o leitor por sua sensibilidade.

Na narrativa, Benjamin descreve o espaço de sua casa, como ele se relacionava com aqueles cômodos e objetos através de metáforas, misticismo e até credences populares. Deixa transparecer que sua relação quando criança com esse ambiente era muito íntima, principalmente quando começa a narrativa falando que a casa era dividida em esconderijos e que ele conhecia todos. Mentalmente, conseguia rememorar cada espaço, com cada objeto no seu devido lugar, identificando elementos que, porventura, estivessem sido retirados ou colocados em outro lugar.

Benjamin fazia parte desse local e estava em sua constituição, enquanto adulto, por ter passado a sua infância interagindo com esse contexto. Portanto, os escritos trazem “[...] a noção espacial, como parte integrante dos sujeitos, é uma noção social, é uma construção simbólica, constituída a partir do contexto cultural no qual está inserido” (LOPES e VASCONCELLOS, 2005, p. 35). Dessa maneira, Benjamin, ao narrar a sua história, não consegue se dissociar desse espaço, pois a sua infância está diretamente ligada a ele. Consequentemente, contribuiu para o seu desenvolvimento a partir das experiências que lá vivenciou.

No texto, Benjamin mistura o espaçamento geográfico com expressões corporais, tais como palpitação e a mudança de respiração. Essas reações marcaram as suas experiências e, ao resgatar a história na memória, tornou-se relevante demonstrar a importância das interações com a casa. Ao mesmo tempo, relembra a crença popular: “Quando faz caretas, dizem-lhe que se o relógio bater ficará assim para sempre” (BENJAMIN, 2020, p. 103). E prova que isso é verdadeiro ao mencionar a experiência de ser descoberto em um dos seus vários escondерijos espalhados por esse local, que o transformava imediatamente em uma estátua.

Esse mesmo espaço, que traria uma composição inicial, permitia a sua alteração e modificação para a construção de diferentes máscaras. Compreende-se nesse contexto a palavra máscara como os diferentes produtos da reestruturação dos cômodos, criando contextos. Através dessa ação:

[...] a criação dos lugares possibilita a estruturação de uma identidade individual, uma vez que os objetos que compõem o espaço, sua organização, seus atributos passam a ter significados diferentes para cada ser humano a partir de sua história de vida (LOPES e VASCONCELLOS, 2005, p. 35).

Ao descobrir os diferentes escondерijos e sua alteração, às vezes com a colocação de um simples objeto, possibilita alterá-los, transformando o lugar e, ao mesmo tempo, revelar outro enredo da história, atribuindo ao observador desse espaço diferentes sentidos. Com isso, para cada indivíduo que frequentasse os escondерijos se construiria uma narrativa diferenciada. Isso porque o narrador parte de suas experiências, inclusive a imaginação que surgiu na sua infância.

## **Mônada *Esconderijos* e a documentação pedagógica**

A mônada *Esconderijos*, em sua descrição, apresenta um relato da interação da criança com o que estava disponível nos ambientes domésticos. A forma como Benjamin realizou a escrita lembra os registros realizados pelos professores da Educação Infantil,

pois estes utilizam narrativas para registrarem as vivências de uma criança e do coletivo a qual está inserida.

Existe uma diferença entre as mônadas construídas pelos professores e as de Walter Benjamin. A diferença entre os dois estilos está no processo de construção delas, já que Benjamin, nos seus escritos, apresenta detalhes específicos de suas experiências. Ele relata as interações, reações e sensações do seu próprio corpo, sendo uma pessoa adulta retomando as suas lembranças. No caso dos professores de educação infantil, a maioria das narrativas é constituída pelo processo de observação e tradução das expressões corporais, a oralidade e as produções das próprias crianças, como forma de registrar a experiência.

A documentação pedagógica é composta por narrativas escritas, visuais (fotografias, vídeos e desenhos), entre outros mecanismos, que viabilizam o ato do registro. Segundo Rinaldi (2014, p. 120):

O conceito de documentação como uma coleção de documentos utilizados para demonstrar a verdade de um fato ou confirmar uma tese é historicamente correlato ao nascimento e à evolução do pensamento científico, e a uma conceituação do conhecimento como entidade objetiva e passível de demonstração. Portanto, ele é vinculado a um determinado período histórico e a profundas razões de natureza cultural, social e política.

Essa reflexão sobre o registrar no espaço educativo tem como uma de suas pioneiras, no Brasil, a professora e pesquisadora Madalena Freire (1996). Ela parte, inicialmente, do conceito da palavra observar, mas dentro do contexto educativo. O observar é a interação entre atenção e presença, com escuta e olhar atentos, sem julgamentos e estereótipos, apenas coletando-se informações para a construção das mônadas.

O aprimoramento do ato de observar, no contexto educativo, vai acontecendo na prática, a partir das interações com as crianças. Dessa maneira:

Observar não é invadir o espaço do outro, sem pauta, sem planejamento, nem devolução, e muito menos sem encontro marcado... Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminada por ela (FREIRE, 1996 p. 4).

A sensibilidade do professor, ao estar presente nesses momentos, permitirá a construção do texto. Nele, trará descritas as cenas, com grande riqueza nos detalhes, para que o leitor consiga imaginar e se reportar à história.

No entanto, no contexto da educação, principalmente a infantil, é o adulto escrevendo sobre as vivências de cada criança e do coletivo. O recorte dessas histórias pode compor outro documento narrativo chamado de avaliação descritiva. Conforme as DCNEI (2010), o documento avaliativo de uma criança deve conter descrito o processo de suas experiências. Não como julgamento ou comparação, focando no processo classificatório, mas trazendo a essência do que foi vivenciado pela criança e as suas reações nas mais diversificadas linguagens.

Atualmente, dentro do contexto infantil, a reflexão sobre o processo de elaboração da documentação pedagógica se baseia nas propostas vivenciadas e produções realizadas por Loris Malaguzzi, professor e pesquisador que atuou na cidade de Reggio Emilia, na Itália, e trouxe para análise diferentes temáticas; dentre elas, Hoyuelos (2020) destaca o princípio estético.

Dentro das narrativas a questão estética estará presente no decorrer de todo o caminho trilhado pela criança. Ao relatar as informações e aprendizagens de forma poética, promoverá o encantamento daquele que está lendo. Isso acontece “[...] porque conta histórias – as de crianças e adultos – que tratam de dar sentido à sua existência, que é o que todos pretendemos. E essa ideia de sentido profundamente humano enfeitiça por sua verdade” (HOYUELOS, 2020, p. 188), assim como as mônadas escritas por Walter Benjamin.

Muitos relatos de professores contemplam a brincadeira de esconder e a construção de esconderijos, reestruturando os espaços conforme imaginação e necessidade. Essa é uma ação característica da criança e Benjamin apresenta isso a partir do contexto domiciliar. Porém, em 2020, aconteceu a junção desses dois espaços, transformando-se em um único lugar.

Com a pandemia do Covid-19 as instituições deixaram de realizar atendimentos presenciais e os transformaram em virtuais. As ações pedagógicas passaram a ser desenvolvidas em casa, a partir da mediação das famílias. Essa condição provocou o aparecimento de outros interlocutores na relação professor-criança. Assim, as narrativas construídas pelas famílias, a partir de seus olhares e escutas, eram socializadas com os professores. As narrativas eram complementadas com outros elementos pertinentes para descrever as vivências.

Dessa maneira, a casa passou a ser, novamente, o cenário das brincadeiras das crianças. Esse espaço era o indicativo primordial para que se pensassem as propostas dos professores a serem enviadas às famílias. Nesse período, a casa se transformou para as crianças e familiares em “esconderijo” contra o contágio pela Covid-19. Ampliando a relação das pessoas com os objetos e cômodos pertencentes à casa, e olhar para criança interagindo com este espaço, é “[...] compreender as crianças nos espaços vividos, buscando suas lógicas, ouvindo-as, aprendendo com ela, sentindo sua presença no mundo, levando em conta suas contribuições, respeitando suas formas de ser e estar” (LOPES, 2018, p. 67).

A interação da criança com os cômodos da casa passou a ser o foco dos planejamentos e das narrativas elaboradas a partir do cenário pandêmico mundial. Então, a mônada *Esconderijos* apresenta a sensibilidade e a ligação emocional que se tem com o lar. Com essa descrição, pode-se criar uma imaginação sobre as relações que as crianças estão estabelecendo com os espaços domésticos durante o período de pandemia.

## **Fechando provisoriamente o diálogo**

O indivíduo vive diferentes narrativas, nas mais diversificadas interações, que se constrói ao longo de sua vida. No entanto, é em casa e na unidade educativa que passam a maior parte dos dias. Ao registrar isso se deixa marcas, como fala Ostetto (2001), a documentação pedagógica tem um papel fundamental. Pois, por meio desse documento, é possível demonstrar o processo para aquele que não está acompanhando o processo de aprendizagem coletivo. Assim, pode-se tecer um registro individual constituído a partir do recorte feito no documento coletivo, que sempre dará origem a outro. Nesse novo documento será contada um pouco da história de vida dessa criança, mas que poderá ser retomada a leitura a qualquer momento da vida.

A pandemia de Covid-19 permitiu que as pessoas reatassem as suas relações com os ambientes da casa de forma mais intensa. Algumas delas só ocupavam esse espaço para dormir e, agora, passou a ser o lar, o local de trabalho, estudo etc. Essa condição permitiu que novas narrativas fossem construídas, não podendo ser dissociadas dos contextos sociais, políticos, históricos e geográficos.

Consideramos um equívoco o discurso divulgado nos meios de comunicação, que reafirmava o período de pandemia como sendo algo perdido. Pelo contrário, o fato das crianças não conseguirem frequentar presencialmente as unidades educativas e perderem o ano letivo mobilizou outras experiências e todas elas são de aprendizagem.

Na escrita da mônada *Esconderijos* existem passagens que demonstram a importância desse período da pandemia porque nela Walter Benjamin deixa transparecer as marcas obtidas no processo de interação com os objetos e cômodos de sua casa. Assim, em sua descrição, é possível identificar as aprendizagens que Benjamin teve por meio dessas experiências. Portanto, todos os espaços, inclusive a casa, promovem o desenvolvimento e aprendizagem das pessoas. Talvez não sejam abordados os assuntos estipulados nas grades curriculares, mas conhecimentos que estão diretamente ligados à vida.

## Referências

- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I – Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, W. **Rua de mão única/Infância berlinense**: 1900. Tradução de João Barrento. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília, MEC, SEB, 2010.
- FREIRE, M. **Observação, registro e reflexão**: Instrumentos Metodológicos I. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.
- HOYUELOS, A. A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi. Tradução de Bruna Heringer de Souza Villar. 1. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2020.
- LOPES, J. J. M. **Geografia e Educação Infantil**: espaços e tempos desacostumados. Porto Alegre: Editora Mediação, 2018.
- LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. de. **Geografia da Infância**: reflexões sobre uma área de pesquisa. Juiz de Fora: FEME, 2005.
- OSTETTO, L. E. *et al.* **Deixando marcas**: a prática do registro do cotidiano da educação infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- ROSA, M. I. P. *et al.* Narrativas e Mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. **Currículo Sem Fronteiras**, [S.l.], v.11, n.1, p. 198-217, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss1articles/rosa-ramos-correa-junior.pdf>> Acesso em: 10 dez. 2020.
- RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2014.